

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## AS DOENÇAS E A MORTE DE HERCULANO.

LEMOS, Maximiliano

Ano: 1921 | Número: 31

---

### Como citar este documento:

LEMOS, Maximiliano, As Doenças e a morte de Herculano. *Revista de Guimarães*, 31 (1-2) Jan.-Jun. 1921, p. 67-82.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães  
E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)  
URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## AS DOENÇAS E A MORTE DE HERCULANO

---

Ao olharmos para qualquer retrato de Herculano, parece-nos que vemos uma figura de bronze e, como êle, duro e resistente. Todavia, esta idea é inexacta: era mais rija a têmpera da alma que a do corpo.

Nada se apurou de herança patológica. Apenas sabemos que o pai cegou, em idade que não há meio de determinar.

Ele soffreu de hemoptises em rapaz. Em carta ao seu amigo João Pedro da Costa Basto, de 21 de Dezembro de 1871, escreveu: «Como eu, terá conhecido mais de uma pessoa sujeita a ataques de hemoptyse que tem levado adiante de si duas a três gerações». O sr. Gomes de Brito, ao publicá-la, interpreta dêste modo o — terá conhecido mais de uma pessoa sujeita, *como eu fui também*, a ataques de hemoptise, etc. —: informa o mesmo amigo que de facto Herculano contava que soffrera em criança desta doença <sup>(1)</sup>.

Não se repetiram as hemoptises e o rapaz cresceu com vigor, entregando-se aos divertimentos da adolescência. Aos 18 anos, teve um conflito na feira das Amoreiras, de que lhe resultou uma cicatriz na face, e o conflito originou-se em divergências políticas. Narra-o o sr. Teófilo Braga, o único dos biógrafos de Herculano que o cita, pela forma seguinte: «Conta-se que a scena se passou por occasião da festa do Espirito Santo, na feira annual das Amoreiras, ás Aguas Livres; ali se encontravam os ran-

---

(1) Gomes de Brito — *Uma collecção de cartas de Alexandre Herculano*, no *Arquivo histórico português*, de 1910, ll. 147.

chos dos caceteiros miguelistas e se batiam com outros também alentados do campo constitucional. Insultavam-se com ditos: «*Fora, Malhão! Fora, Corcunda!*» E em seguida: *trabalhava o cacete*, como se dizia na linguagem do tempo. Alexandre Herculano pertencia a um grupo de rapazes que andava de rixa com outro pequeno grupo de estudantes liberais; era valente e destemido, e foi por isso que quando vieram às ruas ao anoitecer, lhe atiraram a segurar, dando-lhe uma navalhada no rosto. Dizia-se que lhe a dera um official de marinha, o Galhardo, de quem veio a ser parente e amigo» (1).

Não merece a pena examinarmos minudamente o trecho (2). Basta-nos, apenas, reparar em que o rapaz era destemido e inspirava temor aos adversários. Contava, portanto, consigo e certamente porque se não julgava afectado de doença grave. Transcreve o sr. Teófilo Braga um trecho da composição poética *Movidade e morte*, que tem como uma das joias da poesia portugueza, e julgava-a inspirada pela crise patológica ligada à febre traumática resultante da aventura da feira das Amoreiras.

«Solevantando o corpo, os olhos firos,  
As magras mãos cruzadas sobre o peito,  
Vede-o fão moço, velador de angustias,  
Por alta noite em solitario leito.

Por essas faces pallidas, cavadas,  
Olhae, em fio as lagrimas deslisam,  
E com o pulso, que apressado bate,  
Do coração os estros harmonisam.

E' que nas veias lhe circula a febre;  
E' que a fronte lhe alaga o suor frior;  
E' que lá dentro a dor que o vai rondando,  
Responde horrivel, intimo cio. ...»

(1) *Historia do romantismo em Portugal*, Lisboa, 1880, II, 230.

(2) No livro do sr. Pinto de Carvalho (Finop), *Lisboa d'outros tempos*, II, fl. 146, transcreve-se um documento da Intendencia geral da policia, de 23 de Julho de 1828, relativamente a este caso. Herculano declarou que não foram os Galhardos quem o tinha ferido, e o juiz do crime do bairro de Andruz não apurou coisa alguma contra eles. A desordem teve lugar em 29 de Maio de 1828.

O trecho parece aplicar-se mais a um doente de contusão pulmonar do que a um acometido de febre traumática. Deve, porém, confessar-se que em favor do facto de não ter tido consequências de maior a hemortise, a hipótese de qualquer hemorragia resultante da contusão do tórax é mais sedutora.

Vem depois a emigração, vem o alistamento na legião de liberais que desembarcaram no Mindelo: durante o cêrco do Porto voa aos combates, mesmo quando dispensado de o fazer: é inquestionavelmente um homem robusto e ninguém pode ver nêle um candidato a tuberculose e muito menos um tuberculoso.

Transforma-se agora a sua vida. Os trabalhos de investigação histórica e de gabinete absorvem-no por completo: mas não pode acreditar-se que a vida sedentária lhe crie uma nova série de desordens ou predisposições orgánicas. Não; o seu trabalho é regrado e alternadamente succede a faina literária o exercício físico.

Na biografia publicada por António Xavier Rodrigues, Cordeiro, no *Novo Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro para o ano de 1379*, descreve-se a vida que o grande poeta e historiador levava, baseada a narrativa na informação de João Pedro da Costa Basto:

«Levantava-se cedo (escreve-me ainda o cavalheiro a quem já me referi, e a quem devo outros apontamentos de que me tenho servido), almoçava ás oito horas, depois trabalhava até as tres horas, em que costumava jantar — jantar simples, mas farto, á portuguesa. Dava de tarde longos passeios pela serra de Monsanto, onde conhecia alguns lavradores com quem se detinha a conversar em cousas agrícolas; ou lá dirigia a cultura de uma horta que trazia arrendada na calçada do Galvão. Outras vezes entretinha-se a regar e a tratar as flores do jardim contiguo á sua residencia. Ao anoitecer recolhia e continuava a trabalhar até perto das onze horas. Tomava então uma colher de doce e uma sede d'agua, e deitava-se. Era a sua hora; e mais de uma vez lhe ouvi dizer: — *Deita-te ás onze, que não és de bronze.*

«Esta regra tinha duas excepções por semana, tambem regularíssimas. Ao domingo saía de casa á uma hora da tarde, caminho de Lisboa, recolhia na segunda-feira, pela volta da meia noite. Ás quartas-feiras, pelas Aves-Marias, fazia outro tanto, voltando na quinta á mesma

hora da segunda. Rarissimas vezes deixou de fazer este caminho a pé, desprezando os conselhos dos amigos que lhe apontavam a imprudencia de subir a Tapada áquella hora da noite, não trazendo nunca comsigo armas de qualidade alguma; nem sequer uma chibata. As manhãs das segundas e das quintas-feiras, consumia-as na Torre do Tombo colligindo apontamentos para os seus trabalhos historicos.»

Estas informações concordam com as de Bulhão Pato, que muito viveu com Herculano, mas para o nosso propósito há muito que recolher nas *Memórias* do cantor da *Paqueta*. Em 1849, aos 39 anos, diz-nos êle que o historiador tinha pernas de aço, e uma vez, em companhia do marquês de Sabugosa e dêle Bulhão Pato, partiu a pé pela Serra de Monsanto acima, cortando para Queluz, e depois duma curta demora para almoçar, seguiu para Sintra e daí os três, depois de comerem alguma fruta, partiram, serra acima, até ao convento do Carmo. Seguiu-se a tam extenso passeio um sono reparador, embora Herculano fosse o menos fatigado <sup>(1)</sup>. Se os seus membros inferiores consentiam êstes exercícius, a capacidade pulmonar tolerava-os. Certo é, porém, que Bulhão Pato diz noutra parte que «Herculano tivera sempre os pulmões fracos. Se não fosse a regularidade de vida, excellente mesa e boa hygiene, morreria na flor dos annos» <sup>(2)</sup>.

Em 1853, Alexandre Herculano visitou os arquivos da Beira de 1 de Junho a Setembro e no ano immediato percorreu em igual época os do Minho. Estas duas viagens por terreno acidentado e com más estradas, foram-lhe nocivas, possivelmente pela acção das poeiras sôbre a mucosa respiratória.

Mais prejudicial lhe foi a empresa agricola em que se envolveu três anos depois, quando se entregou à agricultura, tomando de arrendamento por nove anos, de sociedade com Joaquim Filipe de Sousa e Xavier Brederode, a propriedade do Calhariz da Arrabida.

Escreve o sr. Xavier Cordeiro: «Diga-se comtudo uma verdade: esta paixão que o nosso autor tinha pelo campo abreviou-lhe os dias de vida. Nas suas idas ao

(1) Bulhão Pato, *Memórias*, I, fl. 173.

(2) Ob. cit., pág. 237.

Calhariz, nos nove annos que decorreram de 1854 a 1863, manifestaram-se-lhe as primeiras sezões, e chegou a ter uma pernicioso» (1).

Bulhão Pato confirma este facto: «Em Calhariz da Arrabida apanhava sezões de mau character que se renovavam de tempos a tempos.»

Numa carta de Herculano a Rebelo da Silva, sem data, mas que deve ser de 1856 ou princípios de 1857, diz elle: «Renovaram-se as minhas sezões. Tive uma na 2.<sup>a</sup> f.<sup>a</sup> em casa do Ramalho que me obrigou a ficar lá; vim muito incommodado para a Ajuda e só hontem comecei a achar-me melhor» (2).

Herculano havia abandonado de todo a vida politica, e depois da terminação do contrato de arrendamento do Calhariz pôde satisfazer o seu desejo de adquirir um palmo de terra que lhe pertencesse.

...Oh, dae-me um valle,  
 Onde haja o sol da minha pátria e a brisa  
 Matutina da tarde, e a vinha e o cedro  
 E a laranjeira em flor, e as harmonias  
 Que a natureza em vozes mil murmura  
 Na terra em que eu nasci, embora falte  
 No concerto immortal a voz humana,  
 Que um ermo assim povoará meus dias.

A aquisição da propriedade teve lugar em 1859 e «assim que ponde cobrir um quarto da casa, deixou de ser hospede, na Azoia, do seu velho amigo, o general Gorrão, e veio para Valle de Lobos» (3).

Aí, as intermitentes foram-se espaçando para não voltarem: «Valle de Lobos era salubre; e pouco a pouco as febres foram desaparecendo» (4).

A vida do campo obrigava-o, porém, a frequentes desvios de hygiene: «Se, entretido com os trabalhos agricolas, passava o dia no campo, o que acontecia muitas vezes, jantava á noite; passava as primeiras horas do se-

(1) Ob. cit., fl. 32 a.

(2) *Cartas de A. Herculano*, tomo II, fl. 51.

(3) Bulhão Pato, *Memórias*, I, fl. 228.

(4) Idem, idem.

rão a dormirar numa cadeira de braços, proximo do fogo; alta noite ia a esposa deitar-se e elle trabalhava depois até á madrugada» (1).

Bulhão Pato confirma estas palavras:

«Nos ultimos tempos a boa hygiene foi, até certo ponto, desprezada, em resultado da affectibilidade do seu nobre coração. Mudara habitos muito antigos. Jantando tarde, dormia, sentado na poltrona, até ás onze horas passadas, nas longas noites de inverno. Depois acordava, animando o lume, e punha-se ao trabalho.

«Fazia isto para acompanhar a esposa, que de anno para anno, se apavorava com as noites de Valle de Lobos, receosa dos ladrões. O mestre era raro deitar-se senão sobre a madrugada» (2).

Em princípios de Janeiro de 1869, Herculano sentia-se desalentado, e escrevia ao seu amigo João Pedro da Costa Basto:

«Eu, já agora, só tracto de trigo, azeite e vinho e de ver se estou bem com Deus quando vier o *longo dormir* que, perto dos 60, é questão de poucos annos» (3).

Novos incómodos o affligiam agora. Sofria de litíase renal e consequentemente de uma cistite calculosa. Ao mesmo seu amigo dirigia em 29 de Junho de 1870 estas palavras:

«O Pasteur interessa-me assaz como productor que começo a ser do genero, não como consumidor, porque estou reduzido ao uso da agua, e uso immoderado por conselho do cirurgião Pedroso. O certo é que me tenho dado bem com isso.

«Folgarei que os seus pulmões se tenham portado com tanto juizo, como os meus rins e bexiga se estão actualmente portando commigo» (4).

Antes de prosseguirmos, saibamos quem era este cirurgião Pedroso a quem Herculano se refere.

António Mendes Pedroso nasceu em Santarém a 21 de Dezembro de 1830, numa casa da travessa de S. Nicolau, onde em Dezembro de 1905 foi collocada uma placa de

(1) Cordeiro, ob. cit., fl. 32 b.

(2) *Memórias*, I, fl. 237.

(3) *Arquivo histórico português*, VIII, fasciculos 87 e 88, fl. 145.

(4) *Arquivo histórico português*, cit., fl. 146.

marmore em sua honra, depois de celebrado um *Te-Deum* pelas suas melhoras, festa promovida pela Mesa da Misericórdia, colegas e amigos. Na mesma ocasião a travessa onde residia passou a denominar-se Rua Dr. Mendes Pedroso.

Formou-se em medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1855, tendo sido um estudante laureado e obtendo a classificação de louvor na defesa da dissertação.

Foi logo estabelecer residência na sua terra natal, onde adquiriu de pronto justa notoriedade, evidenciando-se no combate das epidemias de febre amarela e colera.

Nomeado médico do Hospital de Jesus-Cristo, administrado pela Santa Casa da Misericórdia, aí prestou relevantes serviços como médico e operador, havendo hoje no mesmo hospital uma enfermaria com o seu nome, homenagem prestada ao distinto clínico pela Mesa Administrativa da Misericórdia em Maio de 1906.

Desempenhou com muito zelo vários cargos públicos e nomeadamente os de procurador à Junta Geral do Distrito e de Presidente da Câmara Municipal de Santarém.

Foi também eleito pelo círculo desta cidade em duas legislaturas. Na de 1885 apresentou um projecto de lei que desdobrava a 2.<sup>a</sup> cadeira das escolas médico-cirúrgicas, em que se ensinava a histologia e fisiologia geral e a fisiologia humana, em duas cadeiras distintas, e da mesma maneira a de hygiene e medicina legal.

Faleceu em 11 de Janeiro de 1906, ao cabo de cinquenta anos de exercício clínico. A *Medicina Contemporanea*, dando conta d'este acontecimento, recordava os seus relevantes serviços e terminava dizendo que «este nosso collega havia ha dias sido alvo de uma alta manifestação de sympathia, prestada por todas as classes sociaes de Santarém, manifestação que trouxe melhoramentos ao hospital da cidade, e que a elle tanto deve» (1).

O assistente de Herculano, ainda havemos de o encontrar de novo. Prossigamos na história patológica do grande historiador.

Apesar de ter melhorado, sentia-se alquebrado e pro-

(1) A maior parte destas informações foram-nos prestadas pelo nosso estimável Américo Pires de Lima, que as colheu directamente em Santarém.

curou fortalecer-se com a hidroterapia marítima. Em 10 de Dezembro de 1870 dirigia-se a Oliveira Martins e justificava-se da demora em lhe responder com a residência de algum tempo na capital: «Em Lisboa, onde uma das manifestações do caruncho dos 60 anos me obrigou a residir mez e meio, no uso de banhos do mar, recebi a sua carta que me remetteram daqui» (Vale de Lobos) (1).

Voltou para Vale de Lobos e aí foi vivendo a sua vida de agricultor e publicista. A idade ia exercendo a sua acção destruidora e as cólicas nefríticas de tempos a tempos atormentavam-no. Cinco anos depois de escrita a carta anterior, a situação agravara-se. A D. Guiomar Torreção, em data de 22 de Maio de 1875, explicava as razões do seu silêncio, de que ela se queixava:

«Não é só a V. Ex.<sup>a</sup> que tenho offendido com a falta de resposta ás suas cartas. Muitas outras pessoas se queixam, ou se reputam com direito a queixar-se, de igual offensa. O facto é indubitavel; mas as causas é que são ignoradas pelos queixosos.

«Desde que vim de Lisboa tenho passado constantemente perseguido por um padecimento antigo (calculos e areias dos rins) e que terminou pela expulsão de um grande calculo, ou, para melhor dizer, não terminou, porque as dores na região correspondente continuam mais ou menos obscuras, mas sufficientes para me tornar repugnante e violento qualquer trabalho de espirito e, ás vezes, o que peor é, os proprios movimentos do corpo. Quasi que fiquei grato ao Paulo de Moraes pelas injurias que me libertaram de uma discussão, que só podia ir escrevendo interrompidamente e ás meias duzias de linhas» (2).

Esta referência a Paulo de Moraes serve-nos para acentuar que o calculo ou a sua expulsão pusera mais tarde em risco a vida do historiador emérito.

«Publicava Herculano umas cartas dirigidas a Carlos Bento da Silva acerca da *Questão da emigração*. Paulo de Moraes transcrevia-as no *Jornal do Commercio*, acompanhando-as de uma critica que se foi gradualmente azedando por parte daquele publicista. Herculano, maguado, poz termo aos seus artigos. Paulo de Moraes, estranhando

(1) Herculano, *Cartas*, I, fl. 201.

(2) *Cartas*, t. II, fl. 162.

do a decisão tomada pelo seu antagonista e insistindo, não obstante a resolução deste de o não continuar a ler, em versar a materia, proseguiu dando ao seu escrito um tom pouco favoravel á pacificação, apesar das duas linhas conciliatorias do fecho do predito artigo (*Jornal do Commercio*, n.º 6424, de 7 de abril de 1875) (1).

Passa-se um ano pouco mais ou menos e divulga-se em Lisboa a noticia de que Herculano fôra acometido novamente de doença grave e Paulo de Morais escreve a 15 de Março de 1876 uma nobilissima carta de que transcrevemos apenas dois periodos: «A noticia de que V. Ex.ª se achava gravemente enfermo no seu retiro de Val-de-Lobos, maguou profundamente os admiradores e amigos de V. Ex.ª, entre os quaes eu me empenho de ser contado, principalmente desde que uma imprudencia minha poz em risco a harmonia que existia entre mim e o meu melhor mestre e o meu mais benevolo amigo.

.....  
«Para mais me tranquillisar, tinha diligenciado saber, por todos os modos, o que deveria acreditar dos boatos que de um ao outro ponto da cidade, tem corrido de boca em boca a proposito da inquietadora noticia da doença de V. Ex.ª; até que encontrei o nosso amigo o Sr. Dulac, que me deixou mais satisfeito, dizendo-me que o perigo estava passado» (2).

Não se demorou a resposta de Herculano. A 16 de Março dizia ao seu contraditor:

«Ha dois dias apenas que me levanto da cama, e ainda estou assás fraco para escrever com difficuldade; mas a carta de V. Ex.ª datada de hontem obriga-me a fazê-lo. As minhas noites não são excessivamente boas, mas esta seria a peor se o não fizesse desde já» (3).

Parece que entre uma e outra data houve um novo acesso de cólica nefritica, porque referindo-se à carta a D. Guiomar Torrezão, o sr. Gomes de Brito diz que Herculano estava em vésperas de novo ataque, mais violento

(1) Gomes de Brito — *Alexandre Herculano* — segunda parte — *Estudos critico-bibliográficos*, no vol. XXI do *Dicionário Bibliográfico português*, fl. 67.

(2) Gomes de Brito, ob. cit., fl. 656.

(3) Gomes de Brito, ob. cit., fl. 671.

que o primeiro, e que lhe pôs em perigo a existência (1).

No fim dêsse ano de 1870, em carta a João Pedro da Costa Basto, ainda Herculano se refere aos seus incómodos físicos:

«Eu por aqui vou com o caruncho dos 60 que ora me sóbe aos bronchios, ora me desce a bexiga, quando não faz como S. Antonio estando ao mesmo tempo em ambos os logares» (2).

A Oliveira Martins diz em Fevereiro de 1877:

«Meu amigo:

«Provavelmente não tarda já muito que eu vá dar um passeio ao outro mundo sem tenção de voltar» (3).

Não se enganava nas suas apreensões, embora o victimasse um incidente imprévisto. Veio nesse ano de 1877 a Lisboa o imperador do Brasil D. Pedro II, e mal chegou preveniu Herculano de que o procurasse para combinarem a ida a Val de Lobos, que era sua intenção realizar. Veio o escritor a Lisboa, persuadido de que o poderia dissuadir dêsse propósito. D. Pedro II mostrou-se obstinado e Herculano entrou na Livraria Bertrand, donde mandou a mulher o telegrama que foi conservado:

Não pude convencer o homem. Vamos quatro horas no comboio da manhã. Caleste na estação.

Herculano.

Em 1 de Setembro, apesar de se sentir um tanto incomodado, foi a Lisboa, mas no regresso a Val de Lobos o incómodo havia-se agravado e o escritor viu-se obrigado a ficar de cama. No dia 6, a doença tomara um carácter grave — era uma pneumonia dupla.

Há dos últimos momentos do grande escritor dois relatos dignos de crédito, os de Bulhão Pato e Brito Aranha. Dêles nos socorremos para o complemento desta desataviada notícia.

(1) Gomes de Brito, *ob. cit.*, II, 670.

(2) Gomes de Brito, *ob. cit.*, no *Ataque histórico*.

(3) Oliveira Martins, *Portugal contemporaneo*, 3.<sup>a</sup> edição, Lisboa 1895, II, il. 326.

Em 8 de Setembro, Bulhão Pato, visitando o seu amigo Zacarias de Aça, soube dele que o historiador estava doente e que parecia grave o seu estado. Outro amigo de Herculano, o tenente-coronel Henrique Augusto de Sousa Reis, já tinha partido para Val de Lobos, levando consigo o médico-cirurgião Alves Branco. O autor da *Paqueta* resolveu fazer o mesmo, mas antes foi à livraria Bertrand, onde se encontrou com Saraiva de Carvalho, a quem pediu notícias. Este disse-lhe que por um telegrama que recebera momentos antes, soubera que se tratava de uma perniciosa. Seguiu para o caminho de ferro e encontrou-se com o seu amigo José de Avelar que tinha o mesmo destino. Chegaram a casa do lavrador-poeta às 11 da noite:

«Estavam lá o medico assistente, dr. Pedroso e Alves Branco. As fisionomias de ambos não me influíram animo. Outro tanto me succedeu quando José de Avelar voltou do quarto do doente.

«Alexandre Herculano estava em pleno uso das suas faculdades, porem extremamente agitado.

«Sobre a madrugada partimos. Poucas palavras trocamos.

«José de Avelar disse para o seu collega Alves Branco:

«Não gosto d'isto.

«Ne o eu! respondeu Alves Branco.

«Depois começaram a falar na linguagem da sciencia. Julguei perceber que o mal não estava ainda bem caracterizado, mas que o seu prognostico era mau.

«Não me atrevi a perguntar nada.»

Em 9 algumas noticias mais animadoras chegaram a Lisboa, mas eram inexactas.

... «Antonio da Silva Tullio, extremamente commovido, tinha corrido ao Paço a pedir a Magalhães Coutinho que acudisse, com a sua sciencia e grande talento, ao amigo de tantos annos.

«Mandou-se pôr um expresso. Às seis e meia entramos na estação. Lá estava Magalhães Coutinho. Partimos. Estávamos cinco: Magalhães, João Gallardo, sobrinho de Alexandre Herculano por afinidade, Henrique de Sousa Reis, José de Avelar e eu.

«O expresso silvava constantemente, cortando o terreno como as aves cortam os ares.

«Pareceu-nos que ia devagar!

«Chegado a Valle de Lobos, Magalhães Coutinho não auscultou o doente. Tomou-lhe o pulso e disse-lhe algumas phrases vagas. Falou-lhe com insistencia de um alto personagem que se interessava pelo seu estado.

«Quando Magalhães Coutinho saiu do quarto, Alexandre Herculano, muito commovido, disse para José de Avelar :

«Isto dá vontade de a gente morrer.»

«...De madrugada regressamos a Lisboa.

«Nesse dia á noite (11) José de Avelar voltou a Valle de Lobos.

«Demos-lhe agora a palavra :

«Meu querido Bulhão Pato :

«Para completares a tua triste narrativa, queres que recontes o que se passou desde o dia em que tiveste de retirar de Valle de Lobos e eu fiquei ao lado do nosso nobilissimo e chorado amigo, na qualidade de enfermeiro, qualidade que nunca ultrapassei, como sabes. Vou cumprir as tuas ordens, e em breves palavras direi os poucos e melancolicos episodios que a minha fraca memoria não deixou escapar.

«No dia 12 resolveram propôr ao enfermo que aproveitasse a presença do tabellião que era seu respeitoso amigo e que o vinha visitar, para fazer o seu testamento; ao que elle acedeu sem a menor hesitação, demonstrando, todavia, bem accentuadamente num quasi desdenhoso sorriso, que não acreditava na coincidencia d'aquella visita.

«Assisti ao acto como testemunha.

«Dictou tudo, palavra por palavra, com a maior serenidade e sem differença de tom na voz quando fallou das disposições do seu proprio enterro, que deixava ao arbitrio e vontade da sua viuva.

«Fui eu e Santos que o amparamos para se sentar na cama e assignar o testamento. Como a primeira pena — que era de ave, e com essas é que sempre escrevia — não servisse por estar resequida e com os bicos revirados, por não ter uso havia alguns dias, fui ao escriptorio procurar outra, que preparei rapidamente, molhando-a na tinta e collocando-lh'a entre os dedos.

«Com estas curtas demoras e na posição que conservava — amparado nos braços de Santos, — tinha-se afadi-

gado extraordinariamente, a respiração era já frequente e curtíssima, porque a maior parte dos pulmões não funcionava, e só com grande esforço e vigor da vontade conseguiu — a muito custo e com letra muito tremida e deformada — assignar o seu *A. Herculano*.

«A palavra que, decerto, o grande escriptor traçava sempre com menos attenção e quasi automaticamente, foi a ultima que escreveu, e com tantas difficuldades e cansado trabalho, como quem realmente gravava no bronze eterno a rubrica da propria immortalidade!

«Deixou-se cair ofegante sobre as almofadas, com a respiração estridula e fervorosa de quem já não tinha força para expectorar.

«Disse-nos ainda que os rapazes — os seus testamenteiros — poderiam publicar uns cinco volumes de opusculos com os manuscriptos que deixava e os artigos dispersos nos jornaes.

«Depois, ficou num torpor de repouso apparente, e nós deixamo-lo como a dormir. Estava exausto; poucas horas tinham de decorrer para começar a agonia.

«De noite voltaste e, como o não desamparaste mais, melhor do que eu sabes como passaram os ultimos momentos do homem, do grande e inimitavel historiador!

Teu velho amigo,

*José de Avelar.»*

Continua agora Bulhão Pato:

«Os telegrammas no dia 12 eram cada vez mais aterradores.

«Henrique de Sousa Reis estava descoroçoado, mas queria ainda levar o Dr. Alves Branco a ver o seu amigo.

«Era um fio de esperanza: agarrava-se a elle!

«No comboio da noute partimos.

«A viagem foi soturna.

«Quando chegamos a Valle de Lobos e entramos no quarto, Alexandre Herculano olhou para Henrique e abraçou-o.

«Era um agradecimento mudo pela sua solicitude.

«O dr. Alves Branco observou detidamente o enfermo. Não despregavamos os olhos d'elle. O habilissimo medico forcejava por apparentar a maxima serenidade, fa-

lando affectivamente com Alexandre Herculano, que lhe dizia:

«— Ainda que chegasse a levantar-me d'aqui, como ficaria eu! Valeria a pena esgotar os recursos da sciencia com um homem que já nada poderia produzir? Estou cansado, doutor, tenho trabalhado muito!

«Quando entramos no escriptorio, Alves Branco sentou-se, esteve, alguns momentos, calado, e depois, como respondendo á nossa ansiosa expectativa, disse-nos, com as lagrimas nos olhos:

«É um homem irremediavelmente perdido!

«Meia hora depois Henrique, morta a esperanza, voltava com o doutor para Lisboa. Eu ficava.»

Na manhã de 13, Herculano ainda quiz ver as arvores que circundavam a casa de habitação e disse:

«— Abram a janela. Quero ver as arvores.

... «A luz da manhã nascia em ondas. Alexandre Herculano estava extremamente pallido. O queixo inferior que de ordinario, quando falava, tremia um pouco, agora tremia constante e fortemente.»

Mandou retirar a esposa e as senhoras que a acompanhavam. Não queria que ellas assistissem a scena final.

«O medico assistente, dr. Pedroso, chegou pelas oito horas. Na consternação da sua boa e intelligente fisionomia lia-se a sentença final.»

«Recusou um caldo que lhe trazia o seu criado Manuel, e perante a insistência d'este, disse-lhe:

«— Bebe-o tu, coitado, que necessitas: eu já não preciso de nada!»

Mais tarde entrou no quarto o duque de Palmela, que lhe era muito dedicado.

«Alexandre Herculano estava deitado sobre o lado esquerdo. Sem proferir palavra, estendeu o braço direito e lançou-o em volta do pescoço do seu amigo.»

... «Vendo que a respiração do doente era por extremo anhelante, o que me opprimia o peito, perguntei-lhe como machinalmente:

«— Custa-lhe muito a respirar?

«— Não, não, respiro bem, muito bem.

«Disse isto com tanta convicção e naturalidade, que eu fiquei alliviado de um grande peso!

«Queixava-se muito de dores no lugar do caustico. Pediu que lho tirassem. Como houve hesitação, disse:

«— Tirem, tirem; agora para que serve?

«Os olhos que elle tinha, de um grande brilho, apesar da terrivel enfermidade não haviam amortecido muito; conservavam a sua expressão reflexiva e boa.»

| ... «A respiração continuava anhelante, porem menos ruidosa. Cada vez maior difficuldade de expectorar.

«Tinha alguns minutos de apparente somnolencia; depois, estremeçando, abria os olhos.

«Seriam três da tarde. Interrompendo um longo silencio, disse, apontando para os pés:

«— A noute já ahí vem a subir.

«Em seguida, levando a mão á testa ampla e proeminente, bateu repetidas vezes, accrescentando:

«— Isto ainda está bom. Foi muito rijo.

«Esteve alguns minutos fitando-me e continuou:

«— Agora vocês é que ficam sendo os velhos!

«Nas horas em que estive ao pé d'elle, durante a enfermidade, foi n'este momento que pela primeira vez lhe vi os olhos humidos de lagrimas.»

A' tarde começou o delirio.

«Os olhos haviam tomado expressão diversa, espantados, desvairados» (1).

Bulhão Pato não teve coragem para assistir ao fim e fugiu sem se despedir de ninguém.

Duas horas depois o mestre estava morto.

A narração de Brito Aranha não se afasta notavelmente da produzida por Bulhão Pato. Para não alongarmos de mais esta noticia, apenas transcreveremos duas passagens, uma em que novamente veremos referências aos médicos já indicados; outra em que nos é apontado um que ainda não foi mencionado:

«A' meia noite de 12 do mez indicado (setembro) reunia a conferencia medica para a qual tinham sido chamados de Lisboa os abalisados clinicos, dr. Magalhães Coutinho e dr. Alves Branco, ambos amigos de Herculanó. Estava presente, para dar esclarecimentos ácerca da marcha da doença, o dr. Pedroso, mui considerado medico em Santarem e assistente do enfermo. Nada havia que fazer. Todas as esperanças de o salvar estavam perdidas.

(1) Bulhão Pato — *Memórias*, I, fl. 254 e seguintes.

«Alexandre Herculano reconhecera a gravidade da doença. Não podiam illudi-lo as palavras pausadas que saham dos labios dos clinicos, apesar de reconhecer n'elles competencia e a maior dedicacão. O dr. Pedroso, de Santarem, tão amigo era de Herculano, que, pelo dizer assim, daria a vida para combater a molestia e trazer á actividade da sua tão consoladora existencia de lavrador o autor do *Eurico*» (1).

Salvo pequenas differencas, esta passagem concorda com a narraçãõ de Bulhão Pato. Agora, vejamos a nota em que se encontra mençãõ de um médico não apontado pelo autor da *Paqueta*.

«Em Valle de Lobos vi por vezes, a Bulhão Pato, Gomes de Brito, Pereira Curado, José Avelar, que iam de Lisboa visitar o illustre enfermo; e de Santarem, alem do solícito medico e o dr. Santos, que alternava com o dr. Pedroso, na assistencia de Herculano, Paulino da Cunha e Santos, lavradores, estes de Santarem» (2).

Entre as cinco testemunhas do testamento de Herculano contam-se três medicos: Mendes Pedroso, Dr. Santos e Dr. José de Avelar (3).

(Conclui).

MAXIMIANO LEMOS.

(1) Brito Aranha — *Factos e homens do meu tempo. Memórias de um jornalista*, II, Lisboa 1908, fl. 14.

(2) Ob. cit., fl. 16.

(3) Ob. cit., fl. 21.